

CONFERÊNCIA I

Religião e Neurologia

É com não pouco sobressalto que tomo lugar a esta mesa e que encaro esta douta audiência. Para nós, americanos, a experiência de receber instrução de viva voz, ou através dos livros, de eruditos europeus, é-nos muito familiar. Na minha Universidade de Harvard, não passa um único inverno que não tenha a sua colheita, maior ou menor, de conferências dadas por escoceses, ingleses, franceses ou alemães, que representam a ciência ou a literatura dos seus respectivos países, os quais ou foram incentivados por nós a atravessar o oceano para nos fazerem as suas alocações, ou apanhados de passagem quando visitavam a nossa terra. Para nós, parece ser uma coisa natural escutarmos enquanto os europeus falam. O hábito inverso, o de falarmos enquanto os europeus escutam, ainda não o adquirimos; e isso provoca, naquele que pela primeira vez se aventura a fazê-lo, uma sensação de pedido de desculpa, devido por um ato tão presunçoso. E isso ocorre de modo muito particular num solo tão sagrado para a imaginação americana como o de Edimburgo. As glórias da cátedra de Filosofia desta universidade gravaram-se profundamente na minha imaginação durante a adolescência. Os *Ensaio de Filosofia* do Professor Fraser, então acabados de publicar, foram o primeiro livro de matéria filosófica que eu consultei, e lembro-me bem da sensação de temor respeitoso que experimentei por causa da sala de aulas de Sir William Hamilton, que dele fazia parte. As lições do próprio Hamilton foram os primeiros textos filosóficos que eu me obriguei a estudar, e depois disso mergulhei em Dugald Stewart e Thomas Brown. Tais emoções juvenis de veneração nunca desaparecem com a idade; e confesso que ver a minha humilde pessoa promovida, do meu deserto nativo, para ser durante algum tempo uma autoridade aqui, e convertido num colega destes nomes ilustres, traz consigo a sensação de um mundo de fantasia, tanto quanto de realidade.

Mas, uma vez que fui distinguido com a honra deste convite, senti que ele nunca devia ser declinado. A carreira académica também tem as suas

obrigações heroicas, por isso aqui me encontro, sem mais palavras de justificação. Permitam que diga apenas isto, que agora que a corrente, aqui e em Aberdeen, começou a correr de oeste para este, espero que ela assim possa continuar a fazer. À medida que os anos vão passando, espero que muitos compatriotas meus sejam convidados para fazer conferências nas universidades escocesas, alternando com os escoceses que fazem as suas preleções nos Estados Unidos; espero que o nosso povo possa mesmo vir a tornar-se, em todos estes assuntos de natureza superior, um único povo; e que o peculiar temperamento filosófico, bem como o peculiar temperamento político que acompanha o nosso idioma inglês possa cada vez mais penetrar no mundo e influenciá-lo.

No que respeita à maneira como terei de orientar a minha função de conferente, eu não sou teólogo, nem um erudito em história das religiões, nem antropólogo. A psicologia é o único ramo do conhecimento em que sou particularmente versado. Para o psicólogo, as tendências religiosas do homem devem ser pelo menos tão interessantes como qualquer dos fatores concernentes à sua constituição mental. Por conseguinte, poderia parecer que, como psicólogo, o mais natural seria que eu vos convidasse a fazer um levantamento descritivo dessas tendências religiosas.

Se a pesquisa for psicológica, a sua matéria não deverá ser as instituições religiosas mas sim os sentimentos religiosos e os impulsos religiosos, e eu deverei restringir-me aos fenómenos subjetivos mais desenvolvidos registados na literatura produzida por homens que saibam expressar-se e que sejam perfeitamente conscientes dos seus próprios atos, em obras de religiosidade e autobiografia. Apesar de as origens e as fases iniciais de um tema serem sempre tão interessantes, quando procuramos a sério toda a sua significação devemos, contudo, observar sempre as suas formas mais evoluídas e mais perfeitas. Daqui se infere que os documentos que mais nos interessam serão os dos homens que mais se aperfeiçoaram na vida religiosa e que melhor conseguem fazer uma descrição inteligível das suas ideias e motivos. Estes homens são, evidentemente, ou escritores relativamente modernos ou então tão antigos que se tornaram clássicos religiosos. Portanto, os *documents humains* que consideraremos mais instrutivos não precisam de ser procurados nos lugares onde habita a erudição invulgar — encontram-se ao longo do mais comum dos caminhos; e esta circunstância, que deriva de modo tão natural do caráter do nosso problema, convém também admiravelmente à falta de conhecimentos teológicos especiais do vosso conferencista. Poderei tirar as minhas citações, as minhas frases e parágrafos de confissões pessoais, de livros que a maior parte de vós já alguma vez terá tido nas mãos, mas isso não prejudicará o valor das

minhas conclusões. É certo que algum leitor e investigador mais arrojado, que aqui faça preleções no futuro, pode ir desenterrar às prateleiras das bibliotecas documentos que constituirão um entretenimento mais aprazível e interessante de ouvir do que os meus. Contudo duvido que ele, com essa consulta de materiais muito mais fora do alcance, chegue necessariamente mais perto da essência do tema em discussão.

A pergunta, Quais são as tendências religiosas?, e a pergunta, Qual é a sua significação filosófica?, são duas categorias de perguntas completamente diferentes do ponto de vista lógico; e, como a incapacidade para reconhecer este facto claramente pode originar confusão, desejo insistir nesse ponto um pouco antes de entrarmos nos documentos e materiais a que me referi.

Em livros recentes sobre lógica, faz-se distinção entre duas espécies de inquérito acerca do que quer que seja. Primeiro, qual é a sua natureza?, como é que aconteceu?, qual é a sua constituição, origem e história? E segundo, qual é a sua importância, significado ou significação, uma vez que aqui está? A resposta à primeira pergunta é dada através de um *juízo existencial* ou proposição. A resposta à outra é uma *proposição de valor*, aquilo a que os alemães chamam *Werthurtheil*, ou que nós podemos designar, se quisermos, por um *juízo espiritual*. Da outra pergunta, nenhum juízo pode ser deduzido imediatamente. Elas derivam de preocupações intelectuais diferentes, e a mente só as associa fazendo-as separadamente, e depois juntando-as.

Na questão das religiões é particularmente fácil distinguir as duas categorias de perguntas. Cada fenómeno religioso tem a sua história e a sua derivação de antecedentes naturais. Aquilo a que hoje se chama crítica detalhada da Bíblia é apenas um estudo da Bíblia deste ponto de vista existencial, muito negligenciado pela Igreja antiga. Sob que condições biográficas é que os escritores sagrados produziram os seus vários contributos para o livro sagrado? E o que é que eles tinham exatamente nas suas várias mentes individuais, quando fizeram as suas elocuições? Estas são manifestamente questões de facto histórico, e não vemos como é que a resposta a elas pode decidir de imediato a pergunta que vem a seguir: que utilidade poderia ter para nós um livro semelhante, com a sua maneira tão determinada de adquirir existência, como um guia para a vida e uma revelação? Para responder a esta outra pergunta devemos ter já em mente uma espécie de teoria geral segundo a qual as peculiaridades de uma coisa deviam ser o que a valorizam para fins de revelação; e essa teoria seria aquilo a que acabei de chamar um juízo espiritual. Combinando-o com o nosso juízo existencial, deveríamos de facto inferir outro juízo espiritual quanto ao valor da Bíblia. Logo, se a nossa teoria de revelação-valor afirmasse que qualquer livro, para o possuir, deve ter sido composto automaticamente ou não pelo livre capricho do escritor, ou que não deve apresentar erros cien-

tíficos e históricos nem exprimir paixões locais ou pessoais, a Bíblia dificilmente passaria pelas nossas mãos. Mas se, por outro lado, a nossa teoria admitisse que um livro pode muito bem ser uma revelação apesar dos erros e das paixões e de ter sido composto premeditadamente pelo homem, desde que seja um registo verdadeiro das experiências íntimas de pessoas possuidoras de grandes almas que lutam com a crise da fé, nesse caso o veredicto seria muito mais favorável. Vemos que os factos existenciais por si sós são insuficientes para determinar o valor; e os melhores adeptos da crítica detalhada, em conformidade com isso, nunca confundem o problema existencial com o espiritual. Perante as mesmas conclusões acerca do facto, uns encaram duma maneira e outros doutra o valor da Bíblia como uma revelação, conforme o juízo espiritual de uns e de outros varia em relação à fundamentação dos valores.

Faço estas observações gerais sobre as duas espécies de juízo, porque há muitas pessoas religiosas — alguns de vós aqui presentes, provavelmente, fazem parte desse número — que ainda não fazem um uso articulado da distinção, e que portanto inicialmente podem sentir-se um pouco surpreendidas com o ponto de vista puramente existencial segundo o qual, nas próximas conferências, os fenómenos da experiência religiosa deverão ser considerados. Quando eu os manuseio biológica e psicologicamente como se eles fossem meros factos curiosos da história do indivíduo, alguns de vós poderão pensar que se trata da degradação de um assunto tão sublime, e podem até suspeitar, enquanto o meu objetivo não se tornar mais explícito, que eu procuro deliberadamente desacreditar o lado religioso da vida.

Tal efeito é, evidentemente, completamente alheio às minhas intenções; e como um preconceito semelhante da vossa parte obstruiria seriamente o efeito esperado de muito daquilo que tenho para dizer, vou dedicar mais algumas palavras ao assunto.

Não pode haver dúvida de que, na realidade, uma vida religiosa seguida restritamente tende a tornar a pessoa excecional e excêntrica. Não estou agora a falar do vosso crente comum, que segue as práticas religiosas convencionais do seu país, quer ele seja budista, cristão ou maometano. A religião foi feita para ele pelos outros, foi-lhe transmitida pela tradição, estabelecida em formas fixas pela imitação, e conservada por hábito. Seria pouco proveitoso para nós estudar essa vida religiosa de segunda-mão. Temos de pesquisar, mais propriamente, as experiências originais, que foram as que fixaram o modelo de toda essa massa de sentimentos sugeridos e de comportamentos imitados. Essas experiências só as podemos encontrar em indivíduos para quem a religião existe não como um hábito néscio, mas sim como uma febre aguda. Mas tais indivíduos são “génios” no género religioso; e como muitos outros génios que produziram frutos suficien-

temente impressionantes para serem celebrados em páginas biográficas, esses gênios religiosos apresentaram muitas vezes sintomas de instabilidade nervosa. Talvez ainda mais do que outras espécies de gênios, os líderes religiosos têm sido sujeitos a aparições psíquicas anormais. Invariavelmente, têm sido criaturas de sensibilidade emocional elevada. Frequentemente têm levado uma vida interior discordante, e sofrido de melancolia durante parte das suas carreiras. Não têm conhecido a moderação e têm estado sujeitos a obsessões e a ideias fixas; e muitas vezes têm mergulhado em transe, ouvido vozes, tido visões, e apresentado todo o tipo de peculiaridades que são normalmente classificadas como patológicas. Além disso, esses aspectos patológicos têm contribuído amiúde, nas suas carreiras, para lhes dar autoridade religiosa e influência.

Se me pedirem um exemplo concreto, não pode haver nenhum melhor do que o que nos é dado pela pessoa de George Fox. A religião *quaker*, que ele fundou, é uma coisa a que é impossível dispensar muitos elogios. Num tempo de fingimentos, era uma religião verídica enraizada na interioridade espiritual, e um regresso a algo mais parecido com a verdade indiscutível original do que tudo aquilo que os homens até aí tinham conhecido em Inglaterra. Por muito que as nossas fações cristãs de hoje estejam a evoluir para a liberalidade, em essência estão simplesmente retrocedendo para a posição que Fox e os primeiros *quakers* assumiram já há tanto tempo. Ninguém pode supor nem por um momento que, no que respeita a perspicácia e capacidade espiritual, Fox fosse um demente. Todos aqueles que estiveram cara a cara com ele, desde Oliver Cromwell até magistrados de comarca e carcereiros, parecem ter reconhecido o seu poder superior. Contudo, do ponto de vista da sua constituição nervosa, Fox era um psicopata, ou *détraqué*, da pior espécie. O seu Diário abunda em registos desta espécie:

“Quando caminhava na companhia de vários amigos, ergui a cabeça e vi três torres de igreja, e elas tiveram um grande efeito na minha vida. Perguntei-lhes que lugar era aquele. Eles disseram, Lichfield. Imediatamente a palavra do Senhor chegou até mim, que eu devia encaminhar-me para lá. Tendo chegado à casa para onde nos dirigíamos, disse aos meus amigos que entrassem na casa, sem lhes ter dito para onde eu ia. Assim que eles desapareceram, eu afastei-me orientando-me pela vista, aos trancos e barrancos, até que me encontrei a uma milha de Lichfield; onde, num grande campo, pastores tomavam conta das suas ovelhas. Então recebi ordens do Senhor para tirar os sapatos. Fiquei imóvel, pois era inverno: mas a palavra do Senhor era como um fogo em mim. De modo que tirei os sapatos, e deixei-os entregues aos pastores; e os pobres pastores estremeceram, e estavam espantados. Depois caminhei cerca de uma milha, e assim que me encontrei dentro da cidade, a palavra do